



Atenção mães trabalhando: residência artística para mães e suas crias

Malu Teodoro [1]

Priscilla Kelly Silva Vieira [2]

Michele Alves Bezerra [3]

Milane N. J. Pereira [4]

Karina Rodrigues [5]



O fato de sermos mulheres-mães-artistas e lidarmos ativamente com a fricção entre arte e maternidade, nos leva à constatação da invisibilidade histórica da mulher-artista e logo à invisibilidade da mãe-artista. Por que há pouco sobre o maternar nas artes?

Onde estão as mães-artistas? Por que é tão difícil encontrar espaços mais inclusivos para mães e seus filhos? Há duas questões importantes a serem discutidas aqui: a hegemonia masculina presente nas artes e o espaço privado como sendo aquele delegado às mães e crianças.

A maternidade é tratada, historicamente, como sendo um tabu, onde a subjetividade da mulher é velada. “As mães não escrevem, estão escritas”¹, mas nós queremos saber mais

¹Susan Rubin Suleiman em “Escribir y ser madre” (1985).

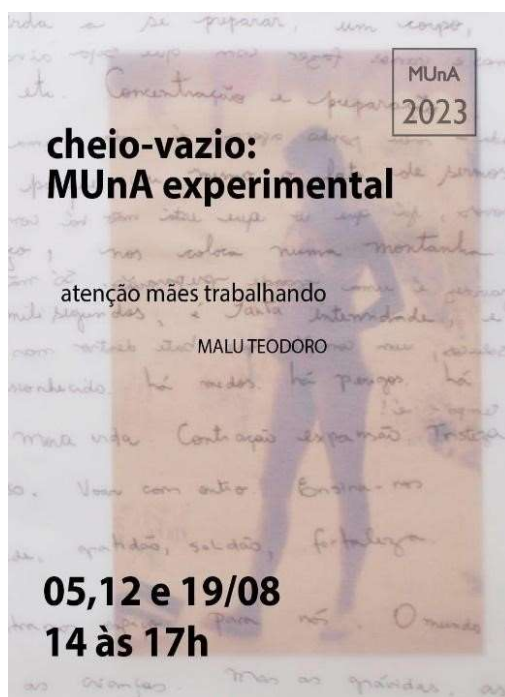


sobre a pluralidade das maternidades e desejamos que seja a partir dos relatos de mães. Queremos romper com a imagem generalizada de uma maternidade irreal e romantizada que pouco se aproxima da realidade carregada de contradições: exaustão, maternidade-solo, violências doméstica e obstétrica, mas que também contém o amor, a paciência, o cuidado e a resiliência como sustentáculos. Desconstruir uma educação misógina é nosso labor diário. Queremos, com isto, abrir frestas, romper paradigmas, trazer nosso corpo-mãe para a discussão e ocupação. Incluir as mães e seus filhos nos espaços sociais é parte dessa ruptura de paradigmas.

Nesse sentido, o projeto Mães da UFU foi proposto e contemplado pelo Programa Institucional de Apoio à Cultura – PIAC ESTUDANTIL da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia – Proexc/UFU. O projeto fomentou a criação da Coletiva Mães+ da UFU, selecionando dez mães universitárias como bolsistas. A Coletiva Mães+ busca observar o acolhimento que as mães e seus filhos recebem pela Universidade. Nesse caminho, a maternidade torna-se um desafio para a mulher-mãe que perde significativas oportunidades de ingresso, permanência e progressão dentro do ambiente acadêmico. Com isso, tem o intuito de criar uma Coletiva de mães que coordene ações para garantir os direitos delas e dos pequenos dentro da academia, trazendo visibilidade para existência e resistência dessas mulheres na UFU.

Uma das ações do Projeto/Coletiva foi a realização da Residência artística para mães e suas crias no “Atenção Mães Trabalhando”, onde pudemos **DISCUTIR** e **OCUPAR** visibilizando aquilo que é da ordem do invisível, criando possibilidades para destrincharmos e elaborarmos os porquês dessa condição.

A residência aconteceu durante os três primeiros sábados de agosto de 2023, e fez parte da programação do evento "Cheio-vazio: MUnA experimental", um projeto de ocupação do museu com artes mais efêmeras, organizado pela docente do Curso de Dança da Universidade Federal de Uberlândia, Claudia Muller.



No primeiro dia da residência, a coordenadora, as bolsistas do projeto e suas respectivas crianças (ou não) e demais pessoas interessadas ocuparam o museu para planejar as ações da Coletiva, questões de logística e de divulgação.

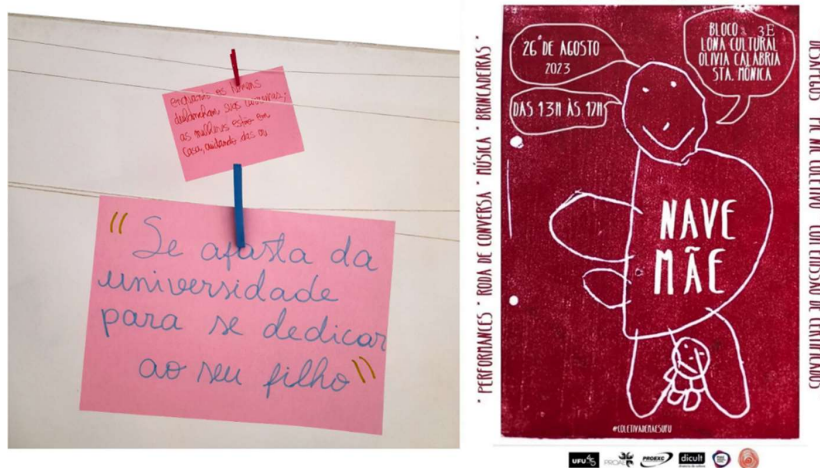
O segundo encontro foi marcado por uma roda de conversa, brincadeiras de corda, bambolê, patinete, pintura, massagem coletiva entre as mãos e os pequenos e um piquenique coletivo. Éramos aproximadamente 30 pessoas, entre e crianças, ocupando a galeria central do museu. O piquenique, momento muito aguardado pelas crianças, não pôde acontecer no espaço principal do museu, já que seria em uma sala no andar de cima do prédio, que era insuficiente para as demandas infantis. Isso provocou grande alvoroço nos pequenos que passaram a percorrer todo o espaço do museu, causando aquele tumulto característico de crianças explorando um novo local. Em coletivo, decidimos migrar para uma praça, quase em frente ao museu, buscando novos espaços em que as crianças pudessem seguir explorando.

O fato de as crianças ocuparem o museu vazio, não como observadoras, mas utilizando o espaço para viverem como crianças que são, foi no mínimo interessante. É também transgressor, porque quando os pequenos estão no museu ativamente muitas questões podem surgir, como: é permitido comer no museu? Pode usar tinta dentro de um museu?



Pode criança brincar, correr, gritar, andar de patinete dentro do museu? Pode criança ser criança? Pode criança? Em nossa sociedade adultocêntrica são poucos os locais onde as crianças podem existir sendo crianças. A partir dos questionamentos provocados durante essa experiência, participantes da coletiva elaboraram três relatos individuais, apresentados mais adiante no texto, sendo intitulados como “Vamos ocupar o Museu”, “Uma dança num MUSEU” e “Mãe, posso mexer?”.

No último dia da residência, deixamos os rastros de nossa passagem pelo Museu: pintura das crianças, cordel contendo mensagens hostis que mães universitárias escutaram em diferentes circunstâncias, e o convite para a festa NAVE MÃE. Para convidar o público, espalhamos cartazes da festa pelos blocos dos campus Santa Mônica e Umuarama da UFU, além de publicações nas redes sociais. A festa contou com a presença de mães e pais integrantes da UFU e da comunidade externa, além da colaboração do grupo Materniência, que debate o papel das mães na academia. Todas essas ações contaram com a emissão de certificado para as participantes, pois entendemos que este é um ponto importante para as mães universitárias, já que essas mulheres têm dificuldades em participar de eventos acadêmicos.



Na festa aconteceram diversas ações: o bazar de trocas, a roda de conversa com o Materniência, a presença de artistas da palhaçaria, além de gerarmos um espaço acolhedor para as crianças que se divertiram brincando juntas durante todo o evento e que também foram cuidadas e orientadas nas brincadeiras por duas bolsistas que participaram do projeto. Pudemos observar e sentir que nossas presenças nas instituições de ensino e



espaços públicos são possíveis, desde que haja rede de apoio institucional disponível. Todo mundo já foi criança um dia e essa criança teve alguém que a cuidava dia a dia, é necessário pensar nisso com olhar de empatia, pois quando um espaço exclui uma criança, também exclui quem a cria

Vamos ocupar o Museu

Ocupar o museu com o propósito de uma atuação real, foi para nós mães uma oportunidade de expressar nossos sentimentos e vivências. Poder impactar sobre aquilo que para muitos não tem importância, no sentido de ser algo natural, e por isso, banal

Falar sobre a própria maternidade, a partir dos seus aspectos mais íntimos não é uma tarefa fácil, pois o modelo padrão não dá ouvidos para tratar da história de cada mãe, do seu passado, traumas que foram convertidos naquilo que se chama de ego e muitas vezes têm consequências negativas a quem está próximo, inclusive o próprio filho

Os encontros sobre maternidade têm sido marcados pelo compartilhamento de angústias. Quando falamos sobre o que é ser mãe, a nossa produção é baseada na dor e culpa. Mas ser mãe é sinônimo de protesto e resistência, numa sociedade em que passamos despercebidas por exercer uma função “enraizada pelo plano divino

A presença dos pequenos como atores da sua própria história de vida dentro do museu, foi mais uma concretização do que já é replicado em tantos outros ambientes. Esse espaço que ao mesmo tempo busca a liberdade do pensamento e sentimentos, também engessa a presença, na medida em que restringe a expressão dos atores.

As crianças passaram de atuentes, para espectadoras em locais dominados por regras. Elas ainda não absorveram os códigos de conduta dos adultos. Têm um modo próprio de ver o mundo e respondê-lo

Se o filho é da mãe, então ela se torna limitada a poucos espaços, pois os adultos têm dificuldade de aceitar a liberdade infantil, a expressão genuína de uma criança.

O museu sendo um espaço destinado ao futuro pretende entregar quais recordações?

Uma dança num MUSEU



MUSEU, como ocupar os espaços vazios com uma coletiva de mães, crianças e apoiadores com uma dança memorável? Uma dança que parte dessa relação de uma maioria de corpos femininos e crianças que acolhem e correm, sentam e levantam, procuram o banheiro inesgotáveis vezes, gargalham e choram, com frequência dizem "mamãe", levam brinquedos para brincar e pedem o tempo todo por alimentos.



MUSEU, você já recebeu uma dança assim?

Essa dança tenta ser roteirizada, coreografada, passou por uma tentativa de ensaio e está aberta a ciclos sutis e/ou recorrentes de improvisação: com o espaço, os corpos e as regras do lugar. Regras que ganharam destaque quase como um solo nessa dança por desafiarem, limitarem e reconfiguram a dança que tem. Não pode ter contorno de tintas ou não pode crianças usarem tintas? E crianças com tintas são felizes. Se fosse as adultas usando tintas...

A tinta no papel, pequenas doses de tintas no chão, as mãos das crianças com tintas, próximas as paredes brancas do MUSEU assumem uma nova dança, ditam uma nova dramaturgia e começam a contar uma nova história. Ensaíamos com tinta?

As mulheres dançando assumem um outro tônus corporal. A dança no MUSEU ganha uma camada vocal e o meu corpo imerge na corrida para encontrar acessórios para a dança e jogar com eles: a dança da limpeza! Onde está o rodo? Balde existe nesse espaço? Água tem!



As regras se pronunciaram firmes sobre a necessidade de ter tudo limpo ao finalizar a dança.



Não pode usar esse... Devolve nesse lugar... Mãe! Mamãe! Quero a tinta!

Como será essa dança agora? Ela poderia estar no roteiro?

As mães apoiam seus joelhos no chão e com um movimento de vai e vem dos braços, alonga e acolhe os panos e itens encontrados para limpar e dançar.

E quem cuida dessas mães?

Era essa a dança do roteiro? Era essa coreografia? Qual a dança de uma mãe? Mãe limpa o MUSEU! Mãe deseja aconchego! Mãe deseja dançar a vida. Deixar marcas de ocupação. A tinta sairia do palco? Como acolher essa coletiva? Como dançar na

maternidade? A dança das mulheres... Pausa! Silêncio!

A dança dessa Coletiva continua na calçada do MUSEU. Ressitua para onde as crianças podem comer e vai deixando as paredes brancas. Leva cor, vida, sonoridade, dúvidas e inseguranças para compor a dança na praça mais próxima ao MUSEU.



Mãe, posso mexer?



Ir no museu com minha filha é sempre ter que responder que “não”. A faixa amarela entre a obra exposta é sinal de alerta, mas Tainá, tão esperta, sabe, sem saber que sabe, que as fronteiras são imaginárias. Quer sentir, quer tocar. É áspero? É liso? Tem cheiro, mamãe? Tem som? Quer se aproximar daquilo. Enquanto isso, respiro, cansada de ter que ficar controlando seu trajeto a todo momento, evitando que ela toque em algum objeto. E o segurança já vem chegando perto, avisando que não pode se aproximar. O que era para ser um momento de mergulhar e apreciar, é muito desanimador de estar lá.

Antes da maternidade, visitar uma exposição era prazeroso de verdade. Eu colocava um instrumental para tocar no fone enquanto fazia meu próprio trajeto de visita, na minha própria calma. Por outro lado, eu ainda não enxergava sob esse ponto de vista, de ser uma mãe responsável por uma cria 7 dias por semana e 24h por dia e tentar ter tempo de lazer. Agora vejo que os museus ainda não abriram a visão para o que é a real inclusão, criar espaços onde é permitido botar a mão para que, desde nenéns, as crianças possam viver a arte ali também.

Benditas sejam nossas mãos cheias de linhas e caminhos tão fortes, tão sensíveis, que criam mundos possíveis onde haja amor e paz na terra. Mãos que também fazem guerra. Mãos que carregam o filho no colo, que a cada dia está maior e mais pesado de carregar e que com suas mãozinhas e braços pequenos sempre crescendo abraçam o mundo inteiro. Seus dedinhos inteligentes quebram e consertam, constroem e desmontam, pinta, apaga, recorta, cola, junta e rasga, vivendo o presente só pelo prazer de brincar com a vida. E brincar é coisa séria. É na brincadeira que se desenvolvem as ideias. A brincadeira torna-se palco e plateia.

“Atenção, mães trabalhando” foi a oportunidade de mães e filhos pintarem a tela através de suas presenças tão belas, trazendo movimento para dentro do museu. Pula corda, patinete, bambolê, tinta no papel, bolha de sabão. Um dia daqueles que, infelizmente, é 1 em 1 milhão. Ver as crianças se locomoverem pelo espaço sem precisar ativar o modo atenção-tensão foi um espetáculo, e abasteceu a munição para reivindicar nossa presença que quer ocupar-tocar, pois o toque com a mão faz sentir o coração.



[1] Artista, mãe, bacharel em Comunicação Social e Multimeios (PUCSP) e cursando Licenciatura em Artes Visuais (UFU). Coordena o projeto Mães da UFU (PIAC-Estudantil).

[2] Mãe de Chico, Gael e Pina. É artista da cena e mestranda no PPGAC pela mesma instituição, onde se dedica ao estudo sobre cena contemporânea e performance.

[3] Mãe do Benjamim. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ecologia, conservação e biodiversidade e graduanda em Filosofia (UFU). Médica veterinária (UFRRJ).

[4] Artista da Dança, graduanda em Dança na UFU, tem MBA em Finanças e Planejamento Empresarial - UFU e Bacharel em Administração UNIUBE. Mãe em formação.

[5] Escritora, pesquisadora, slammer, DJ, bióloga em formação, produtora cultural, integra o Cerrado Sonoro e é parte da Coletiva Mães+ da UFU. É mãe da Tainá.